

# O cuidado ambiental como prática de resistência:

Resultado de Investigação Finalizada

Análise sobre as relações de poder no agreste pernambucano a partir de meios alternativos de conviver com o ambiente entre 1970 e 1980.

GT 15 - Meio Ambiente, sociedade e desenvolvimento sustentável

Adauto Guedes Neto

## RESUMO:

Buscamos analisar a atuação da ala progressista da Igreja Católica, sobretudo a partir da atuação de Seminaristas ligados às ideias do Concílio Vaticano II, que dentre outros fatores com a implantação da Teologia da Enxada<sup>1</sup> contribuíram para desenvolver a ideia do campo como espaço de desenvolvimento sustentável e alternativo como prática de resistência.

## INTRODUÇÃO

Neste texto buscaremos discutir como o trabalhador rural do agreste pernambucano utilizará meios alternativos de produção e técnicas agrícolas de perspectiva ambiental sustentável como prática de resistência, tendo em vista que as forças políticas locais aproveitando-se das fragilidades econômicas de tais trabalhadores pela falta de organização e, sobretudo por uma produção que não atendem as expectativas vitais de sobrevivência, tornaram-se dependentes de políticas públicas destoantes das suas necessidades básicas.

Como diz uma das lideranças desta prática de resistência, o Pe. Pedro Aguiar: “o econômico é fator determinante”, pois enquanto as pessoas dependessem economicamente dos poderes políticos municipais as forças de reação às práticas de opressão ficam enfraquecidas. Daí a importância de desenvolver atitudes de transformações da realidade a partir de uma Teologia libertadora<sup>2</sup> que surge com o apoio de padres, seminaristas e leigos ligados à corrente progressista da Igreja Católica, que contribuíram para a formação de agricultores, sua organização através de sindicatos e convênios que se realizavam com Organizações Não Governamentais, projetos voltados para área rural durante o segundo Governo Arraes, dentre outros. Desta feita, aprendendo a lidar com a terra com menor agressão ao meio ambiente, deixando de utilizar a prática da coivara, ou aproveitando melhor os poucos recursos naturais, mas potencializando-os como por exemplo através da construção de cisternas, o agricultor irá diminuir sua dependência em relação ao poder público local e desenvolverá práticas de resistência.

Nesta discussão sobre a questão ambiental como prática de resistência que desenvolvemos a partir da leitura de José Augusto Pádua<sup>3</sup> no qual discute o estudo do meio ambiente e sua relação com o estabelecimento de comportamentos sociais, ações coletivas e políticas públicas em diferentes níveis de

---

<sup>1</sup> A "Teologia da enxada", é uma prática teológica bem colada à experiência religiosa popular feita no interior da formação de futuros agentes e ministros rurais, orientada por teólogos do extinto Instituto Teológico do Recife: J. Comblin, S. Gameleira, I. Gebara, e outros. (**Panorama da Teologia da América Latina nos últimos anos. LIBÂNIO, J. B.**)

<sup>2</sup> A Teologia como reflexão crítica da práxis histórica é assim uma Teologia libertadora, Teologia da transformação libertadora da história da humanidade, portanto também da porção dela. GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Ed. Vozes, 6ª edição, Rio de Janeiro, 1986. p. 27.

<sup>3</sup> PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos Avançados. 2010.

articulação, assim como no conceito de outsiders e estabelecidos, do sociólogo Norbert Elias<sup>4</sup>, tentando perceber os seminaristas como os outsiders e sua relação com os estabelecidos na cidade de Tacaimbó-PE, a partir do trabalho que irão desenvolver durante o recorte temporal proposto.

## 1. Ambiente e Opressão

No Agreste pernambucano, especialmente em Tacaimbó o grupo político que predominou durante a década de 1970 foi o da ARENA 1, tendo como oposição ARENA 2. Com a anistia política em 1979 no Governo do General João Batista Figueiredo (1979-1985), surgiu também uma reforma partidária que extinguiu o bipartidarismo. No início da década de 1980 já teremos eleições municipais e estaduais pluripartidárias e na mencionada cidade, onde antes prevalecia ARENA 1, prevaleceu PSD e depois PFL, tendo como oposição o PMDB, criado pelos movimentos ligados a Igreja Católica, tais como CEBs e Teologia da Enxada.

Pois bem, não é difícil compreender as tramas e relações que envolvem o Poder Público Municipal e a população, especialmente os trabalhadores do campo na região agreste de Pernambuco entre os anos 1970 e 1980, tempo e espaço discutidos no presente texto, já que tal prática podemos vislumbrar em outras regiões e momentos distintos, inclusive atualmente.

Além da falta de políticas públicas voltadas para o trabalhador rural percebemos a dificuldade na organização de tais grupos para superar os problemas gerados, por exemplo, pela falta de chuvas e métodos alternativos para superar os percalços oriundos sobretudo do meio natural pouco propício para a produção agrícola.

A partir das questões apresentadas percebemos como das dificuldades oriundas da falta d'água, ou da negação do direito à propriedade, enfrentadas pelo trabalhador do campo surgem a opressão da classe dominante, e ao mesmo tempo mecanismos que os levam à “perpetuação” no exercício do poder político municipal. Marx nos dar uma explicação ao formular o conceito de lutas de classes, quando aponta sua origem nas divergências de interesses entre aqueles que trabalham e aqueles que fazem trabalhar, sendo aqueles que fazem trabalhar os detentores dos meios de produção (da terra, das máquinas etc.). Fazendo aqui uma relação da explicação de Marx sobre o processo violento de acumulação de capital na sua origem com os que tinham o domínio sobre as terras e tinham capital acumulado na cidade de Tacaimbó, percebemos a separação dos agricultores de seus meios de produção como um dos fatores geradores de classes e interesses opostos em tal cidade, de opressores e oprimidos.

No entanto, ninguém se mantém no poder durante muito tempo apenas reprimindo, e já que percebemos ser uma das características da região Agreste o predomínio do poder por algumas poucas famílias, tais grupos irão desenvolver a positividade do político através de suas obras, de inaugurações, de doações de remédio etc.

Conseguir recursos para a cidade e construir obras, tais como: escolas, postos de saúde, praças, dentre outras, era necessário para que as atividades de opressão não se tornassem evidentes, e para que certos políticos se mantivessem no cenário por duas décadas, tendo em vista que o exercício do poder não se mantém apenas através de práticas visíveis de violência, mas, sobretudo na troca de favores, no dar e receber, numa espécie de violência simbólica no dizer de Pierre Bourdieu<sup>5</sup>. Empregar as pessoas na Prefeitura em troca de apoio político, doar remédios a pessoas carentes, o carro para socorrer o doente, são alguns exemplos.

Na relação prefeitos e funcionários, uma das práticas de violência que mais nos chamou atenção foi a relatada por um ex-funcionário da prefeitura de uma das cidades da região agreste centro-norte de Pernambuco:

---

<sup>4</sup> ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 2000.

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 12ª Edição, Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil. 2009.

O prefeito nos obrigava a comprar em sua padaria<sup>6</sup>. No final do mês era descontado em nosso salário. Caso nossas despesas fossem maiores do que tínhamos prá receber, pagaríamos trabalhando nas terras dele dois, três dias, lá na sua fazenda, no poço do Barão.<sup>7</sup>

Ou seja, os empregos, o salário pago, nesta prática do poder, não eram parte constituída do aparato estatal, mas pertenciam ao chefe do Executivo Municipal. O prefeito torna-se dono da prefeitura, dos recursos, das obras e ocupa todas as dimensões do espaço público, numa espécie de poder hegemônico que se constitui através dos nomes das ruas, das praças e das escolas. As primeiras escolas da cidade e que depois se vinculariam à rede pública estadual, inauguradas pelo prefeito Carlos Leite, receberam o nome de seu irmão, Francisco de Assis Barros e do seu pai, José Leite Barros.

Mas, como já destacamos, tais práticas de violência eram esquecidas tendo em vista a quantidade de obras inauguradas em tal cidade neste período, fato que convencia a sociedade local que a cidade estava em rumos certos, seguindo as trilhas do progresso, conforme acontecia no país sob a Ditadura Militar (1964-1985). Uma destas obras, foi o abastecimento d'água na mencionada cidade, em 1974. Ou seja, enquanto a população do campo vivia sofrendo com a falta de incentivos para a produção, a falta de atenção pelo poder público, a falta d'água, dentre outros problemas, o poder público municipal fazia jorrar água em praça pública na área urbana, em cena de espetacularização do poder.

O capital político abstraído de tais realizações dará aos chefes políticos locais a legitimidade necessária para ratificar a sua política de troca de favores eternos e se constituírem no controle do poder executivo por décadas, pois como analisa Roberto Machado:

o poder não se sustenta apenas reprimindo, excluindo, mascarando, mas se utilizando de formas sutis, sofisticadas para aprimorar e domesticar o corpo dos indivíduos. Sua positividade reside na capacidade de neutralização dos efeitos de contrapoder, isto é, de tornar os homens dóceis politicamente.<sup>8</sup>

Ou seja, o controle da política local é maquiada com a construção da ideia de benefícios promovidos pelos governantes, seja através das realizações de obras, como as já descritas, seja através das “eternas” doações de alimentos, roupas, remédios, dentre outros. Práticas que formam no meio popular a passividade e aprovação necessária para a manutenção do poder. Através da construção positiva do político, posto em atitudes de violências não perceptíveis pelo povo, os governantes conseguem exercer a influência necessária sobre funcionários ou a elite local e colocá-los contra os membros da Igreja progressista, contestadores de tais práticas. Sem dúvida alguma, o sucesso dos governantes municipais deve-se ao fato de estarem em sintonia com as mesmas convicções e práticas políticas daqueles que governavam o Estado e o País, ou seja, uma política conservadora e de sustentação ao governo militar.

Além do encontro do prefeito Carlos Leite<sup>9</sup>, em seu primeiro mandato com o Presidente Militar da época, o Marechal Castelo Branco, outro encontro durante seu segundo mandato foi realizado.

<sup>6</sup> Na verdade a mencionada padaria, pertencia ao pai de Carlos Leite, José Leite Barros.

<sup>7</sup> Entrevista concedida ao autor, em 15 de janeiro de 2009 por um ex-funcionário que preferiu não se identificar.

<sup>8</sup> MACHADO, Roberto. IN: ADILSON FILHO, José. **A cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belojardinense**. Ed. Comunigraf, Recife, 2009, p. 35.

<sup>9</sup> Prefeito da cidade de Tacaimbó-PE nas décadas de 1960 e 1970.

Desta vez o Presidente Militar era o General Ernesto Geisel que governou de março de 1974 a março de 1979. Ex-Presidente da Petrobrás, O então Presidente da República prometeu uma distensão política lenta, segura e gradual. Porém, O General Geisel não contava com a vitória do MDB no parlamento, conforme descreve Skidmore:

O resultado das eleições foi surpreendente. O MDB quase dobrou sua representação na Câmara baixa, saltando de 87 para 165[...]. O resultado no Senado não foi menos dramático. A representação do MDB subiu de 7 para 20, enquanto a ARENA caiu de 59 para 46. Na votação para Senador, o MDB fez 14,6 milhões de votos contra 10 milhões da ARENA.<sup>10</sup>

A solução para tal situação ocorreu em 1977, quando Geisel através de um projeto de reformas constitucionais, chamado de pacote de abril, elaborou um plano infalível para a ARENA, sob o qual Governadores e Senadores seriam eleitos indiretamente em 1978 por colégios eleitorais estaduais.

O fim do Governo Geisel foi marcado pelo crescimento de manifestações, através de atos públicos, crescimento da força oposicionista, que contribuíram para o início da abertura do Regime. Abaixo encontro do Prefeito de Tacaimbó, Carlos Leite com o então Presidente da República General Ernesto Geisel.

O registro do encontro pode servir como um elemento que provavelmente identifique a aproximação política ideológica entre o poder municipal e federal, fato que proporcionou ao Prefeito obras importantes para a construção de sua imagem positiva, tais como: a Escola Francisco de Assis Barros e a Escola José Leite Barros, a construção no centro da cidade da Praça Francelino Araújo, a construção do cais, o abastecimento d'água na cidade, dentre outras.

Isso demonstra o quanto era difícil para os trabalhadores do campo combaterem tais forças políticas numa lógica de poder que se associavam às esferas estaduais e federal, fato que irá desencadear no esquecimento de políticas públicas para o campo e principalmente em práticas de cuidado ao meio ambiente, pois se analisarmos a prática política no âmbito federal, os militares não tinham tal preocupação. Basta citar as construção de usinas sem o devido cuidado quanto aos impactos ambientais e tendo em vista que as práticas locais estão relacionadas ao âmbito federal, esta atitude é reproduzida em tais cidades do agreste, cujo chefes políticos são filiados à ARENA e comungam das mesmas ideias de desenvolvimento sem o cuidado ambiental.

Tal perspectiva só começará a encontrar resistência quando da participação de membros da Igreja Católica ligados à corrente progressista, que atuaram em algumas cidades do agreste numa lógica de contrapoder e utilizando o campo como espaço de evangelização, resistência e desenvolvimento de uma mentalidade ambiental sustentável, que forneça aos trabalhadores rurais condições de sobrevivência e independência das práticas políticas locais, conforme veremos a seguir.

## 2. Ambiente e Resistência

A ala progressista da Igreja Católica, desenvolveu no agreste pernambucano um importante trabalho de evangelização com forte identificação com o trabalhador rural, sobretudo com a organização das Comunidades Eclesiais de Base. Tal identidade com o campo pode inclusive ser percebido nas letras das músicas analisadas na cartilha das comunidades<sup>11</sup>, livro de cânticos utilizados em suas missas, além de outras músicas do mesmo teor, tais como: *Jovem da Roça: sou jovem da roça, sou trabalhador, mas agricultura não tem valor. Não sou da cidade, nem da capital, nasci lá no*

<sup>10</sup> SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. São Paulo. Ed. Paz e Terra. 2000. p. 337.

<sup>11</sup> **Cartilha das Comunidades**. Nadja, Zefinha, Juvenal (et al). 2ª Edição. Impressão: Vanguarda. 1995.

*campo, amo o vegetal...*p. 106; Pé de Serra de Luiz Gonzaga: *“Lá no meu pé de serra, deixei ficar meu coração. Ai que saudade que tenho, eu vou voltar pro meu sertão...”*. p. 121. Dentre outras músicas, que além de retratar aspectos da vida do agricultor, do povo nordestino, mais do que isso, tem a função de gerar um ambiente de reflexão nas celebrações, além de animar as missas fugindo da monotonia sem precisar ser uma igreja de louvores.

Tal prática surge quando do trabalho encampado pelo Pe. Pedro Aguiar, que se fortalece com a chegada de seminaristas de formação orientada a partir das reflexões do Concílio Vaticano II.

No início de 1969, o Seminário Regional do Nordeste resolveu correr o risco de dar cobertura e orientação a uma experiência de tipo novo. Nove seminaristas de diversas dioceses, autorizados pelos seus respectivos bispos, projetaram viver alguns anos numa região rural. [...] Repartiram-se em dois grupos, um de quatro pessoas e outro de cinco. O primeiro instalou-se em Tacaimbó, município do Agreste pernambucano, situado a 170 km do Recife. O segundo foi viver em Salgado, município do Agreste paraibano, situado perto de Itabaiana a 80 km de João Pessoa e a 130 km do Recife. Os dois grupos constituíram um programa de vida em que a parte da manhã era reservada aos trabalhos de agricultura, a parte da tarde ao estudo e a noite aos trabalhos apostólicos.<sup>12</sup>

O grupo de seminaristas<sup>13</sup> que foi para Tacaimbó contava com o apoio do Bispo da Diocese de Caruaru D. Augusto Carvalho. Padre Pedro Aguiar, coordenador dos trabalhos era de origem camponesa e sua formação, assim como a dos seminaristas estavam ligadas às idéias do II<sup>14</sup> e III Conselho Episcopal Latino-Americano e da Teologia da Libertação, que definirão como uma de suas práticas teológicas a opção preferencial pelos pobres. Em 1979, o III CELAM foi realizado no México onde:

confrontaram-se as diversas correntes do pensamento católico. Mais uma vez prevaleceu a ala progressista. Reafirmou-se a Teologia da Libertação com as propostas de mudanças profundas nas estruturas latino-americanas, em benefício da maioria, ou seja, dos pobres.<sup>15</sup>

Mas, que tipo de trabalho seria este? Que experiência de tipo novo seria esta? Como se explica a presença dos seminaristas formados no ITER, no Agreste, especificamente à priori numa pequena cidade como Tacaimbó? Vejamos o que nos explica o Seminarista Nonato<sup>16</sup>:

<sup>12</sup> COMBLIN, José. Teologia da Enxada. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1977. IN: GUEDES NETO, Adauto. **A História das Comunidades de Base em Tacaimbó nas décadas de 1960 e 1970**. (monografia de especialização em Programação do Ensino da História). Belo Jardim, 2003, p. 29.

<sup>13</sup> O grupo de seminarista que fora ao Agreste foi: João Firmino, Francisco das Chagas, João Moura e Raimundo Nonato, depois chegaria Frei Enoque Salvador.

<sup>14</sup> Queremos que a Igreja da América Latina seja evangelizadora e solidária com os pobres, testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos os homens de nossos povos. Seus pastores e demais membros do Povo de Deus devem dar a sua vida, suas palavras, atitudes e ação, a coerência necessária com as exigências evangélicas e as necessidades dos homens latino-americanos. (Trechos das conclusões do II CELAM em Medellín. Orth apud AQUINO et al. 2000, p. 624).

<sup>15</sup> AQUINO, R. S. L. de, et al. **História das Sociedades** - das sociedades modernas às sociedades atuais. Ed. Record. Rio de Janeiro. 2000. p. 625.

<sup>16</sup> Natural de Limoeiro, Raimundo Nonato de Queiroz, destaca-se como um dos mais atuantes seminaristas na cidade de Tacaimbó entre 1969 e 1982. Formado em Teologia e Filosofia, assume a cadeira de Cultura Religiosa na FAFICA entre 1977 e 1980. Publica em 1996 o livro: Como ser eficaz em grupo pela Ed. Paulus e atualmente, acumula as funções de

A ideia de ir para o interior do Estado, saindo da capital, era a ideia de buscar um diálogo novo com a população, sobretudo com os camponeses, com os agricultores [...]. A formação que a gente tinha em Recife, era uma formação sacerdotal influenciada positivamente pelo Concílio Vaticano II que se iniciou em 1962, e até 1969 quando fomos para Tacaimbó, houve realmente muita energia, muita vontade de mudança [...]. O Seminário Regional do Nordeste, onde estávamos estudando, a ideia era de evangelização popular, era de formar Comunidades Eclesiais de Base, no meio popular, quer urbano, quer rural.<sup>17</sup>

Esta iniciativa de trabalho preferencial pelos pobres, que relaciona as atividades pastorais às atividades do campo, teoria e prática, na intenção de sentir de perto as dificuldades do agricultor, o sofrimento da população, no dizer de Nonato: “*com o mesmo calor do sol, com o mesmo peso da enxada*”, é entender melhor a sociedade; pensar alternativas para as dificuldades existentes e elaborar os estudos teológicos; Nascia assim, a Teologia da Enxada e Tacaimbó foi a primeira cidade no agreste pernambucano a conhecer esta nova experiência.

Os Seminaristas seriam, na perspectiva de Norbert Elias<sup>18</sup> os outsiders<sup>19</sup>, muito embora, os estabelecidos, ou seja, a comunidade do agreste pernambucano ou especificamente a comunidade tacaimboense não tivessem a mesma coesão grupal do bairro operário analisado pelo mencionado sociólogo, porém outras características que se assemelham podem ser destacadas, tais como: a mesma origem familiar e o passado comum. Como outsiders os seminaristas não terão a mesma conformidade que tiveram os recém-chegados em Winston Parva, pois se organizaram para resistir ao discurso negativo sobre suas imagens elaboradas pelos que exercem o poder político. Uma das estratégias adotadas pelos seminaristas vai ser a promoção de uma evangelização que se relaciona com as dificuldades da comunidade (o desemprego, a seca etc), sobretudo a partir da apropriação da cultura local.

O contato da Igreja com o povo, neste ritmo novo de atuação, contribui para a população tornar-se mais esclarecida sobre os problemas sociais locais. A Igreja desce do pedestal e procura relacionar-se com o trabalhador da cidade e do campo, e este primeiro contato ocorre através de entrevistas e respostas de questionários, a fim de conhecer e perceber da população as suas maiores carências e necessidades. Temas como moradia, desemprego, saúde, seca etc., são bastante discutidos, conhecidos as suas causas e pensadas as suas alternativas.

Os estudos eram feitos por temas, estes temas duravam três semanas, uma semana de pesquisa e de conversa com a população que a gente visitava as casas, nos caminhos, nas estradas, nas viagens de ônibus, conversávamos com as pessoas e depois dessa semana, a gente anotava tudo. A outra semana, a segunda semana, era de aprofundamento nos livros e na Bíblia e a semana seguinte era de elaboração de uma síntese entre o pensamento popular, e o que diz o povo; e o que reflete também os teólogos sobre aquele assunto. E tirávamos sempre conclusões práticas pastorais que seriam ou deveriam ser

---

Conselheiro Tutelar na cidade de Serra Redonda-PB e Membro do Conselho Administrativo da Fundação Dom José Maria Pires na mesma cidade.

<sup>17</sup> Entrevista concedida ao autor em 07 de março de 2009, no Centro de Formação Missionária, na sede da Fundação D. José Maria Pires. Serra Redonda – PB.

<sup>18</sup> ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 2000.

<sup>19</sup> Em seu estudo, Elias explica que os outsiders eram os recém-chegados em um bairro operário utilizado pelo autor como espaço de análise, ao qual os mesmos eram rejeitados pelo os moradores mais antigos (os estabelecidos).

aplicadas imediatamente. Um dos temas que eu me lembro era por exemplo, a moradia. E fizemos um levantamento da situação de moradia da população, muitas casas eram de taipas. E uma das coisas práticas que decidimos, foi de na medida do possível construir casas populares em mutirão com a população.<sup>20</sup>

De fato, as atividades da Igreja rompem com os padrões tradicionais, provocando na elite política da cidade, receio de perder espaço, pois a aproximação do Padre, dos seminaristas e da Igreja como um todo à comunidade local, sobretudo da camada carente desprovida de recursos próprios para sobreviver, irá aumentar quando da articulação na cidade e no campo com o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base. As comunidades serão a prática da Teologia da Libertação, ou seja, a realização de atividades políticas e pastorais<sup>21</sup>, que ocorrem no cotidiano, na intenção de colaborar para melhorar as condições sociais do povo que sofre com a seca, com a falta de trabalho, pensando e realizando meios alternativos de sobreviver<sup>22</sup>, desvinculando-os, sobretudo da dependência dos políticos; e isto gera conflitos.

A Teologia da Libertação recebeu influências marxistas<sup>23</sup>, por isso pode ser verificado nas regiões em que tal teoria será colocada em prática, como no caso de Tacaimbó, atitudes e reflexões que se contrapõem a qualquer forma de exploração, opressão e de desrespeito à dignidade humana, além do fato de provocar nos indivíduos a reflexão da situação social, Construir a consciência para a partir daí, ser protagonista das mudanças necessárias; como cita inclusive a Gaudim et Spes<sup>24</sup> no seu artigo 73: *“O homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida econômico-social”*.

Este pensamento transformado em atitudes, irá se confrontar com a ordem local. Em nível nacional, um segmento da Igreja, a ala progressista, corrente ligada à CNBB<sup>25</sup>, praticante da Teologia da Libertação através das CEBs, será contrária ao governo militar. Posicionando-se contra às torturas, a falta de democracia e ajudando na resistência ao regime. Aliás, no momento em que os espaços democráticos do país são tolhidos pela ditadura, são as CEBs um espaço de resistência, e sobretudo, de articulação contra a ditadura militar.

A articulação da comunidade de Tacaimbó, feita por Pedro, chegará na zona rural através da Teologia da Enxada, com a fundação do Sindicato de Trabalhadores Rurais em 1973<sup>26</sup>, fundação da Cooperativa Agrícola Mista dos Pequenos Agricultores de Tacaimbó Ltda – CAMPEATA, em 1983, e da construção de salões comunitários nos sítios. Estes salões serviram para a realização de missas e reuniões de estudo bíblico e político organizado pela Igreja Católica progressista, e festas populares

<sup>20</sup> Raimundo Nonato, entrevista concedida ao autor em 07 de março de 2009.

<sup>21</sup> <sup>21</sup> “Numa perspectiva de fé, o que move, em última análise, os cristãos a participar na libertação dos povos oprimidos e das classes sociais exploradas é a convicção da radical incompatibilidade das exigências evangélicas com uma sociedade injusta e alienante. GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1986, p. 123.

<sup>22</sup> Capacitações e cursos de tecelagem, cursos para os artesãos da cidade, revestimentos de barreiros na zona rural e construções de cisternas. Apoios financeiros junto à SUDENE: Projeto São Vicente, durante o segundo Governo Arraes.

<sup>23</sup> “A isto se acrescenta a influência do pensamento marxista centrado na práxis, dirigido para a transformação do mundo”. Op. cit. p. 22.

<sup>24</sup> Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II: sobre a Igreja no mundo de hoje.

<sup>25</sup> “Reafirmamos, nossa confiança e nosso apoio às organizações que atuam no meio operário e no meio rural”. CNBB, 1966, p. 284. IN: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). **O Brasil Republicano: O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2003, p. 113.

<sup>26</sup> O Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tacaimbó fundado em 1973 teve como primeiro presidente Vicente Caetano e foi um importante instrumento na organização e na luta do camponês local.

como o forró, a ciranda e a mazuca, promovidas por grupos de animadores da Igreja e membros da comunidade em diferentes espaços rurais.

Foi a Igreja católica de tendência progressista uma Igreja que, ao longo de duas décadas, quase, tornou-se a mais comentada por sua coragem em confrontar aqueles que tomaram o poder em 1964. Foi a Igreja progressista uma espécie de guarda nacional na defesa dos interesses da sociedade brasileira e na defesa dos direitos humanos.<sup>27</sup>

Este caráter progressista de proceder em Tacaimbó teve seus opositores, representados pelos políticos locais e que estavam afinados ao governo militar. Através deles, percebemos a presença de tal governo na cidade. Seja através da ideia do desenvolvimento, marca econômica do regime militar, seja através de um estilo conservador e truculento de administrar e fazer política, adotando discursos pejorativos para com integrantes da Igreja, na intenção de afastar a comunidade local do contato com as ideias libertadoras, presentes na fala e na ação de Pedro Aguiar e sua equipe.

Em Tacaimbó os políticos ligados ao regime militar (1964-1985) continuavam, mesmo após o final da ditadura, mantendo as mesmas práticas clientelistas.

Mesmo encontrando dificuldades a partir dos conflitos gerados com os políticos locais, conseguiu-se promover resistência com organização popular e de uma nova maneira de lidar com o meio ambiente, além de outros benefícios adquiridos por projetos.

A partir de tais conquistas, os agricultores foram se livrando das amarras que os prendiam, e desta feita poderiam reagir com mais força às suas práticas de opressão; inclusive conseguiram eleger na cidade de Tacaimbó em 1982 o primeiro vereador pelo PMDB (até então prevalecia ARENA e depois PDS), apoiado pela Igreja, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, cooperativas e demais entidades do campo.

O discurso ecológico passa a predominar nas atuações da Igreja Católica no agreste com as CEBs em meados da década de 1980, especialmente quando percebemos um afastamento da Igreja das questões políticas com o fim da ditadura militar, porém sua atuação voltada para as questões ambientais contribui paralelamente para de certa maneira promover mais autonomia política e econômica dos agricultores. E neste sentido, surge a Associação de Produtores Orgânicos de Brejo da Madre de Deus – Terra Fértil, que além de organizar promove espaços de vendas.

A referida Associação surge em meio ao crescimento dos discursos que valoriza a política do desenvolvimento sustentável, ou seja, um desenvolvimento que possa gerar renda, mas sem agredir o meio ambiente. São os produtos orgânicos que darão a renda necessária para que os agricultores possam desvincular-se de qualquer forma de dependência política, e ainda dentro de uma lógica ambiental politicamente correta. Desta prática surgirá a venda de tais produtos orgânicos em Brejo da Madre de Deus e Caruaru, e depois a semana de promoção agrícola sustentável com a Feira do Verde que ocorre todos os anos em Brejo, sempre na última semana de Abril.

A Feira do Verde é um momento para refletir sobre os benefícios da produção orgânica de alimentos, além de ser um espaço para exposições de animais e vendas dos produtos agrícolas.

É na verdade uma grande festa, dedicada a um mundo melhor, mais saudável, com menos agrotóxico. Tal atividade era uma demonstração prática de resistência que surge a partir da organização de trabalhadores do campo em conjunto com membros progressistas da Igreja Católica.

Serão tais práticas que contribuirão para o desenvolvimento de uma produção agrícola alternativa e que se estabelece como prática de resistência em meio a atitudes de opressão contra o produtor rural e técnicas de produção que além de agredir o meio ambiente empobrecem o solo.

---

<sup>27</sup> SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da Igreja progressista na arquidiocese de Olinda e Recife**. Ed. Universitária da UFPE. Recife, 2006, p. 215.



A Igreja Católica através das CEBs e da Teologia da Enxada - práxis da Teologia da Libertação tiveram um papel fundamental em tal prática que além de resistir, liberta. É pela crença na libertação do pobre, do oprimido, que tais práticas serão exercidas. Não existe liberdade sem luta, conforme diz Gutiérrez:

Conceber a história como processo de libertação do homem é perceber a liberdade como conquista histórica, é compreender que a passagem de uma liberdade abstrata a uma liberdade real não se realiza sem luta.<sup>28</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADILSON FILHO, José. **A cidade atravessada**: velhos e novos cenários na política belojardinense. Recife. Ed. Comunigraf, 2009.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª Edição. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- AQUINO, R. S. L. de, et al. **História das Sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. Rio de Janeiro. Ed. Record. 2000.
- BOFF, Clodovis. **Comunidade Eclesial, comunidade Política: Ensaio de Eclesiologia Política**. Petrópolis. Ed. Vozes. 1978.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 12ª Edição, Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil. 2009.
- COMBLIN, José. **Teologia da Enxada**. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 1977.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. 2000.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). **O Brasil Republicano**. V. 4. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2003.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 1986.
- LIMA, Maria do Socorro Abreu e. **Construindo o Sindicalismo Rural**: lutas, partidos, projetos. Recife. Editora da UFPE / Editora Oito de Março. 2005.
- Nadja, Zefinha, Juvenal (et al). **Cartilha das Comunidades**. 2. Ed. Caruaru: Imprensa Vanguarda. 1995.
- PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos Avançados. 2010.
- SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe**: os limites da Igreja progressista na arquidiocese de Olinda e Recife. Recife. Ed. Universitária da UFPE. 2006.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Castelo a Tancredo. São Paulo. Ed. Paz e Terra. 200

---

<sup>28</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 1986.